



GT 71. Questões ético-metodológicas em pesquisas com crianças

Coordenador(es):

Emilene Leite de Sousa (UFMA - Universidade Federal do Maranhão)

Flávia Ferreira Pires (UFPB - Universidade Federal da Paraíba)

Sessão 2

Debatedor/a: Maria do Socorro Rayol Amoras (UFPA - Universidade Federal do Pará)

Este GT visa reunir trabalhos que contribuam na reflexão sobre questões ético-metodológicas na pesquisa com crianças com o intuito de mapear e problematizar os desafios epistemológicos que enfrentamos. Selecionaremos propostas sobre o método etnográfico e os usos das técnicas tradicionais da antropologia como entrevistas, conversas informais e observação em pesquisas de campo com crianças, mas também o uso de técnicas como os desenhos, redações, gravadores, máquinas fotográficas e câmeras; métodos combinados, as crianças como co-investigadoras. Do ponto de vista ético, quais procedimentos éticos temos tomado e como lidamos com a singularidade de pesquisar sujeitos tutelados que não respondem legalmente pelos seus atos, mas que nem por isso deixam de ser entendidos enquanto sujeitos de direitos e pessoas/indivíduos plenos? Assim, através do debate sobre metodologia e ética, central para o conhecimento antropológico, objetivamos avançar o debate no campo da Antropologia, entendendo melhor a importância de pesquisas cuja ênfase esteja nos sentidos e na experiência desses sujeitos, - que ainda são pouco ouvidos pela antropologia mainstream. A importância deste GT é reforçada no atual cenário político, em um contexto de cortes de verbas e recursos para pesquisa. Os impactos serão inevitáveis, o que fortalece a importância de pensarmos nossas metodologias de pesquisa em tempos de crise. Aqui a pesquisa aparece como um ato de resistência e sua divulgação imperativa.

Do cárcere à comunidade: convergências e distinções éticas metodológicas no estudo com crianças em contextos sociais diversos

Autoria: Christina Gladys de Mingareli Nogueira (UFPB - Universidade Federal da Paraíba), Núbia Guedes de Barros Ferreira

O work propõe realizar discussões ético-metodológicas a partir de duas experiências etnográficas em campos diversos, num estudo com e sobre crianças encarceradas no presídio feminino de João Pessoa-PB e num estudo de antropologia urbana que incluiu crianças para observar o fenômeno social da comunidade Caranguejo Tabaiaras em Recife-PE. Embora apresentemos campos diversos investigados, propomo-nos traçar uma discussão buscando aproximações e distanciamentos sobre questões éticas e metodológicas inerentes às pesquisas, correlacionando-as com as teorias antropológicas, também com dados etnográficos dessas realidades sociais pesquisadas. No contexto de recorte técnico-metodológico, problematizaremos as escolhas dos recursos utilizados nas pesquisas mencionadas com reflexões éticas peculiares ao tema e realidade social específica dos campos estudados. Enfatizaremos a ânsia de representação desses grupos alijados de invisibilidade social como um contradição pela participação da pesquisa, correlacionando-as ao uso de algumas técnicas-metodológicas utilizadas, tais como: fotografias e conversas informais. Abordaremos as diferenças sobre o uso da imagem dos interlocutores desses campos de pesquisa, sobretudo, pelas diferenças pautadas em escolhas distintas de recursos metodológicos com observância às questões de ordem ética. Pontuaremos as técnicas comuns utilizadas nessas constelações particulares, nesses universos de pesquisa de realidades sociais distintas, que evocaram dados etnográficos para análise desses fenômenos sociais. Faremos, ainda, pontuações sobre a forma de como as pesquisadoras



foram observadas nos seus campos de pesquisa, correlacionando-as com o uso de técnicas-metodológicas escolhidas. Faremos observações de como os materiais utilizados na pesquisa foram ressignificados como forma de agenciamentos de cada grupo distinto estudado, ressaltando, a participação da criança no evento dessas agências. No tocante ao desenho, abordaremos as impressões emergidas das suas imagens, priorizando a explicação dada pela própria criança. Referente ao segundo work etnográfico, por se tratar de uma prisão, teve um percurso marcado pelos meandros burocráticos, prática oculta de óbice à pesquisa, mas que fez resultar estratégias, sendo explorado ?o lado de fora?. Abordaremos as dificuldades de cada campo pesquisado e estratégias utilizadas para dar impulso aos works. Em relação à etnografia na prisão feminina, os materiais de pesquisas foram ?cobiçados?, revelando a capacidade de agenciamento das crianças. Nesse contexto, a partir das formas que as crianças, em ambos works etnográficos apresentados, deram outras formas de leituras aos recursos metodológicos, ressignificando-os em contextos diversos, revelando-se como agentes sociais.

[Trabalho completo](#)



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: